

ESCREVER COM O CORPO E A MEMÓRIA ANCESTRAL: A DRAMATURGIA DE AUTORIA DE MULHERES NEGRAS NA CENA CONTEMPORÂNEAJulianna Rosa de Souza¹

Resumo: O texto apresenta oito mulheres negras brasileiras, dramaturgas atuantes na cena contemporânea com o objetivo de incentivar a leitura de materiais de autoria negra. Compreende-se que estas mulheres negras que estão movendo internamente as estruturas da narrativa através de sua escrita teatral, oferecendo outras formas de representar o signo negro, são elas: Cristiane Sobral, Dione Carlos, Luh Maza, Viviane Juguero, Sol Miranda, Leda Maria Martins, Grace Passô e Maria Shu.

Palavras-chave: Ancestralidade; Identidade Negra; Decolonialidade; Dramaturgia; Feminismo Negro.

ESCRIBIR CON EL CUERPO Y LA MEMORIA ANCESTRAL: LA DRAMATURGIA DE LA AUTORIA DE MUJERES NEGRAS EN LA ESCENA CONTEMPORANEA

Resumen: El texto presenta a ocho mujeres negras brasileñas, dramaturgas activas en la escena contemporánea con el objetivo de incentivar la lectura de materiales de autoría negra. Se entiende que estas mujeres negras que están moviendo internamente las estructuras de la narrativa a través de su escritura teatral, ofreciendo otras formas de representar el signo negro, son: Cristiane Sobral, Dione Carlos, Luh Maza, Viviane Juguero, Sol Miranda, Leda Maria Martins, Grace Passo y Maria Shu.

Palabras-clave: Ascendencia; Identidad negra; Decolonialidad; Dramaturgia; Feminismo negro.

WRITING WITH THE BODY AND THE ANCESTRAL MEMORY: THE DRAMATURGY OF BLACK WOMEN AUTHORSHIP IN THE CONTEMPORARY SCENE

Abstract: The text presents eight Brazilian black women, active playwrights in the contemporary scene with the aim of encouraging the reading of black authored materials. It is understood that these black women who are internally moving the structures of the narrative through their theatrical writing, offering other ways of representing the black sign, are: Cristiane Sobral, Dione Carlos, Luh Maza, Viviane Juguero, Sol Miranda, Leda Maria Martins, Grace Passo and Maria Shu.

Keywords: Ancestry; Black Identity; Decoloniality; Dramaturgy; Black Feminism.

¹ Doutora em Teatro, especificamente Teatro Negro e Dramaturgia de Autoria Negra, com tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Teatro - PPGT / UDESC. Integrante do NEN - Núcleo de Estudos Negros de Santa Catarina, pesquisadora no OJU OBIRIN - Observatório de Mulheres Negras e no LEECCC - Laboratório de Entografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição, E-mail: contato@quilombo.page

ABERTURA DA GIRA

Eu peço a Gira
 Pra vencer a demanda
 Ira!
 Para a mulher da vigília
 Que esperava a última aluna sair
 Quando uma mulher Gira a força do encanto se faz
 o sagrado refaz
 Na boca de Exu tudo é fugaz
 Ele interdita o malvado
 Tecendo a justiça feroz
 Peço gira!
 Giramos por ela!
 Giramos juntas
 Giramos rogando força
 Giramos clamando justiça
 Giramos porque somos roda e existência da vida
 Giramos pra afastar essa mandinga
 Gira mundo mulher
 Giramos porque somos Ela.
 Não quero mais ser ré
 Dos que lançam seu quadrado faz-se nosso mundo este desagrado
 Na força da gira mulher
 Exu, Desloca o malfeito, tonteia o desatento, transforma o acalento
 A Diretora da Gira
 Hoje é Ela

 Giramos!
 Iyá Leke²

Neste artigo quero compartilhar aspectos que tenho observado em textos teatrais escritos por mulheres negras na cena teatral contemporânea. Irei partir de uma análise das peças publicadas no livro *Dramaturgia Negra*, edição organizada pela Funarte e publicado em 2018, tendo como recorte a autoria de mulheres negras que fizeram parte desta antologia.

As mulheres negras protagonistas deste artigo serão: Cristiane Sobral, Dione Carlos, Grace Passô, Leda Maria Martins, Luh Maza, Maria Shu, Sol Miranda e Viviane Juguero.

PRIMEIRO DESLOCAMENTO:

Neste momento a pessoa que lê, descobre que o formato deste artigo pode estar próximo à uma peça teatral, com rubricas e comentários que fazem interferência na própria dinâmica de leitura do texto. Deslocando a atenção e quebrando com o ritmo convencional de escrita-leitura e leitura-escrita. Uma tentativa de buscar algo parecido com o que acontece em cena, quando a pessoa que atua rompe com a quarta parede, para assim revelar que nós, todas as pessoas que partilham aquele espaço, fazemos parte de um jogo de representação.

2 Iyá Leke conta: “Nossa Mãe Beata reiterava à nossa família, todos os dias, sua luta pela preservação de nossa tradição, e que nossa responsabilidade diante do culto dos orixás se faz também pela defesa de uma sociedade mais justa, humana e democrática” [Transmissão de saberes orais e escritos de Iyá Leke, em conversas durante o mês de abril de 2021]. O poema foi escrito em homenagem a Elenir Siqueira e todas as mulheres que foram vítimas de feminicídio. Elenir, aos 42 anos, foi esfaqueada e morta pelo ex-namorado em fevereiro de 2020 no bairro Campeche em Florianópolis. Iyá Leke nos lembra: “Nós, do Ile Aṣe Omi Olodo Tolá, nos solidarizamos à família da Senhora Elenir de Siqueira Fontão, vítima de Feminicídio na tarde de 19/02/2020. Sendo assim, nos manifestamos contra o estado de coisas e os valores que faz, a cada 2min uma mulher vítima de violência, e nos manifestamos contra todas as formas de violência e discriminação. Que os orixás encaminhem Elenir, em paz, ao Orum e conforto todos os familiares. Que Xangô nos proteja e permita mais justiça e humanidade entre nós” [Transmissão de saberes orais e escritos de Iyá Leke em conversas durante o mês de abril de 2021].

É importante dizer que a escrita deste artigo busca no próprio formato uma tradução poética das minhas vivências como uma mulher negra, cis, periférica do bairro Jardim Zanellato da cidade de São José em Santa Catarina, no sul do país. Me identifico como bissexual, sou de axé, doutora em teatro e primeira mulher negra doutora da família, aliás, a primeira a fazer e concluir um doutorado em universidade pública. Tudo isto, localiza de onde venho. E será a partir destas experiências que também irei escrever e ativar meu corpo e minha memória ancestral para compartilhar o que tenho observado nas escritas de outras mulheres negras, diversas, plurais, complexas, únicas.

Minha escrita vem também inspirada e alimentada pelo contato com minha mãe de santo, Iyá Leke que tem me ensinado na prática diária do Ilê e da vida que é possível escrever com o Okan.

[**observação conceitual:** a lógica cartesiana e principalmente o racismo moderno: incutiu um valor ocidental de razão que hierarquiza e divide o nosso modo de ser e estar no mundo, e também uma forma de escrita. Escrever com o coração dentro da lógica racista e cartesiana - ou para provocar ainda mais, científica e acadêmica - seria ir contra a objetividade científica. Por muito tempo estive - e de certa forma ainda está - presente a noção de primitivismo atrelada a aspectos instintivos, ou seja, aquelas pessoas que são rotuladas como viscerais, emocionais e, portanto, não são capazes de trabalhar com a razão e logo com a escrita. Assim, escolher uma escrita que vem do Okan é também um ato de transgressão diante de um sistema que dicotomiza o ser em razão x emoção; ciência x arte; escrita x corpo. Sobre isso, pode-se recorrer ao livro de Grada Kilomba: *Memórias da Plantação*, traduzido e publicado no Brasil em 2019.]

COM OS PÉS NO CHÃO, SENTIMOS O SOLO DE ONDE VIEMOS

O que a universidade tem a aprender com as mulheres negras da cena teatral contemporânea? De modo prático e direto, sem rodeios: o fazer. Sim, dentro do feminismo negro e da cultura africana e afro-diaspórica, o fazer é elemento chave. Nosso discurso se constrói na relação do ser, fazer e sentir. Digo isto, como uma abyan que tem experienciado

dentro do terreiro de candomblé Ketu, no Ilê Omi Olodo Tolá os ensinamentos da Iyalorixá, Iyá Leke, que nos lembra a todo momento: “o candomblé é ser, estar e sentir” [transmissão de saberes através da oralidade].

A prática universitária ainda está permeada pela institucionalização do racismo e do modo de operar da colonialidade. Temos fissuras? Temos. Porque, como alguns intelectuais já nos apontaram [a exemplo: Stuart Hall a partir de seus estudos nas obras de Antonio Gramsci] toda construção hegemônica apresenta um movimento de resistência e logo uma ação contra-hegemônica. Basta lembrar de Lélia Gonzalez dentro do espaço universitário e de Beatriz Nascimento - ambas, mulheres negras brasileiras que estavam rompendo com as lógicas coloniais, patriarcais e racistas.

Infelizmente, não foi dentro da universidade que tive contato com os escritos e produções de mulheres negras como Lélia e Beatriz. E o que elas têm a ver com teatro? Tudo. Primeiro, porque a dimensão poética habitava seus corpos, segundo, que os conceitos que apresentam estão justamente falando da necessidade de buscar outras narrativas históricas e por isso, podemos indagar a partir delas: quais as memórias, quais os fatos históricos, são repetidos e contados nos currículos, nas instituições de ensino e logo na própria história do teatro brasileiro?

SEGUNDO DESLOCAMENTO

Tenho escrito frequentemente sobre a perspectiva da história do teatro brasileiro e a dimensão em que o racismo e a branquitude operam no campo artístico, perpetuando um padrão racial branco - sustentado pela pretensa universalidade. Isto pode ser encontrado em artigos que já escrevi, como recentemente publicado na Unicamp e ainda no meu livro - estudo feito a partir da tese de doutorado. Citados com a referência completa ao final deste artigo.

A questão que coloco é: nossas corpos pretas estão nos últimos anos entrando no espaço universitário, mas ainda lidamos com os processos de invisibilização e silenciamento das nossas histórias e identidades, devido a institucionalização do racismo. Nossas histórias quando são narradas nos espaços acadêmicos, aparecem de modo estratégico ou subversivo e muitas vezes é preciso contar com a sorte de encontrar docentes que sejam “simpatizantes” à causa antirracista ou que estejam dispostos à abrir mão de seus

privilégios simbólicos para de fato potencializar algumas fissuras contra-hegemônicas. Mas quando olhamos para as ementas curriculares, as referências bibliográficas de concursos e vestibulares, ainda persiste uma listagem eurocentrada e colonial.

Nós mulheres pretas da cena teatral contemporânea estamos narrando nossas histórias dentro e fora da ficção. Estamos construindo referências através da representação para deslocar as imagens que povoam o imaginário colonizado. Estamos construindo espaços de fato coletivos com protagonismo negro e através de dramaturgias textuais permitindo que nossos sonhos, desejos, vontades sejam expressadas numa dimensão ficcional, numa camada de representação que comunica com outras corpos dissidentes a possibilidade de existir e transgredir internamente com padrões racistas dentro da narrativa.

Como estamos fazendo isso?

É preciso mergulhar na própria escrita para perceber a dimensão do reconhecimento e da representação que estamos propondo em nossas dramaturgias de autoria de mulheres negras.

peço a pessoa que está lendo este texto que não homogenize a categoria mulher e negra. só para mais uma vez lembrar que quando escrevo “mulher” contemplo a própria diversidade, saindo de um fluxo cisnormativo. não estou de acordo com a lógica do feminismo branco. me faço valer aqui de propostas e reflexões do próprio feminismo negro interseccional e crítico. De Lélia Gonzalez a Angela Davis.

28

QUANDO UMA MULHER NEGRA ESCREVE E FALA

NOSSAS HISTÓRIAS SE ALINHAM

Somos muitas. Somos plurais. E gosto de dizer que cada ser é um universo complexo, com suas tensões e contradições. Existem aspectos que nos movem enquanto corpos que lutam socialmente. E tenho usado o “NÓS” aqui propositalmente, porque falo como uma mulher preta que a cada dia empretece mais e mais. E que ao se olhar no espelho reconhece a si e tantas outras que já vieram antes e as que virão.

*por muito tempo pensei que
as distorções refletidas naquele espelho fossem eu
era tudo muito sutil
exceto a luz branca impiedosa,
como alerta Audre Lorde.
daniella brochado³*

Apresento, em um primeiro momento a narrativa de Dione Carlos, Cristiane Sobral e Grace Passô. E na sequência uma breve trajetória de Leda Maria Martins, Maria Shu, Viviane Juguero, Sol Miranda, Luh Maza - protagonistas desta cena-artigo. Vamos lá?

DIONE CARLOS

Ela nasceu no Rio de Janeiro, mas mora em São Paulo há mais de 20 anos. Ativou a sua escrita poética a partir da primeira turma de Dramaturgia da SP Escola de Teatro, em 2011. E de lá pra cá minha gente, tem se destacado com seus textos encenados por diversos grupos na cena teatral contemporânea ⁴.

FRAME 1 - Dione Carlos



Fonte: Foto retirada a partir da entrevista concedida a Pedro Sobrinho e publicada em 15 de março de 2021 no Site Mirante. Disponível em <https://imirante.com/mirantefm/noticias/2021/03/15/dione-carlos-dramaturga-carioca-fala-da-importancia-das-artes-na-saude-mental-em-tempos-de-pandemia.shtml>

³ Poema escrito por Daniella Brochado no Ateliê de Escrita Poética Para Mulheres que ministrei pela Rede Quilombo, espaço que tenho construído no contexto da pandemia para reunir mulheres e ativar nossas escritas poéticas a partir da partilha e do encontro coletivo. Daniella Brochado é Engenheira química, Mãe, cozinheira familiar e coletiva, pesquisadora e facilitadora de processos pedagógicos afrocentrados e das relações etnicorraciais. Gestora de projetos e de pessoas, atuou no mercado de bens de consumo, onde criou e influenciou métodos e processos no desenvolvimento de novos produtos, orientados à Inovação e Sustentabilidade. Atualmente, reflete e implementa práticas e conteúdos que valorizam a identidade africana e afro-diaspórica.

⁴ Dá um confere aqui na matéria de destaque sobre a repercussão das peças de Dione Carlos: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2017/10/1922910-conheca-seis-dramaturgas-que-estao-movimentando-a-cena-teatral-de-sao-paulo.shtml>

Cursou Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo. É orientadora-artística do Núcleo de Dramaturgia da Escola Livre de Santo André. Em 2017 lançou o “Dramaturgias do Front”, livro com três peças. É autora de mais de dez peças, como: Kaim (2017), Bonita (2015), Sete (2011), Oriki (2013), Sereias (2014), Titio (2015), Mamute (2016). Em 2019, recebeu o convite da Embaixada do Brasil na Grécia para representar o Brasil no Dia Internacional da Língua Portuguesa.

O texto teatral Ialodês, publicado na Antologia Dramaturgia Negra, foi encenado pela Cia Capulanas de Arte Negra. No início de 2020, ministrou o Curso Dramaturgia Negra: A Palavra Viva organizado pelo Itaú Cultural, curso a distância que recebeu inscrições de atores, atrizes, do país todo.

TERCEIRO DESLOCAMENTO

Lembro-me do primeiro encontro com Dione. Foi em uma palestra e oficina sobre dramaturgia que aconteceu de 29 de novembro a 01 de dezembro de 2019 no Centro de Artes - CEART da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina.

FRAME 2



Fonte: Foto de arquivo pessoal - feita durante a vinda de Dione Carlos em Florianópolis, quando estávamos na espera no SESC Prainha para assistir a peça SOB MEDIDA, do Coletivo Manada - grupo formado por artistas gordas, que problematizam as questões referentes à opressão e à gordofobia. Espetáculo dirigido por Gaia Colzani⁵.

⁵ Gaia Colzani é atriz, gorda, branca e ativista. É também minha conterrânea do bairro Jardim Zanellato, periferia de São José. Pude conhecê-la dentro do CEART, nas lutas pela cultura e diversas manifestações em Florianópolis e ainda fazer parte da banca de qualificação do seu Mestrado no primeiro semestre de 2021, onde discute em sua dissertação as intersecções entre gordofobia e branquitude.

Estas ações faziam parte do Programa de Extensão “Encontro com Dramaturgo”⁶, coordenado pelo professor Stephan Baumgartel, que orientava minha pesquisa no doutorado sobre teatro negro e dramaturgia e, logo, me convidou para estar presente na palestra e oficina da Dione Carlos.

Respondendo como se estivesse em uma entrevista

- Aí, sabe como é né? O encontro entre mulheres negras é assim: pura potência e reconhecimento. Quando ela começou a compartilhar durante a palestra, os seus saberes e fazeres, falar sobre o seu processo de criação, sua trajetória e os desafios como dramaturga - na hora, reconheci em Dione muitas das minhas experiências como mulher negra e artista. Foi muita inspiração, uma dose de alegria e resistência que me invadiu.

O que me inspira em Dione Carlos é a costura que faz em seus textos, a relação com elementos ancestrais, as metáforas que utiliza para conectar tradição, cultura e arte. Em *Ialodês*, por exemplo, a dramaturga traz uma referência afrofuturista e ao mesmo tempo apresenta aspectos da tradição afro-brasileira e africana. Já no próprio título traz uma referência às mulheres que exercem liderança em suas comunidades.

Em *Matriarquia*, espetáculo feito durante a pandemia do covid-19 e apresentado no formato on-line na própria casa da atriz Camila Pitanga, com texto de Dione Carlos e direção de Cristiana Moura. Essa tríade de mulheres negras traduziu de modo potente tanto a relação de isolamento e os desafios em um contexto de pandemia quanto a necessidade de recorrer às memórias ancestrais, às histórias de outras mulheres negras - aquelas que vieram antes de nós e que ainda estão presentes em nossas famílias.

Dione Carlos aproveita de muitos aspectos da própria experiência de Camila Pitanga para compor a dramaturgia. Essa, aliás, é uma das características da dramaturga: criar textos teatrais que comunicam histórias pessoais, vivências de mulheres negras, materiais que são autobiográficos, mas que estabelecem um canal de identificação com o público. Em *Ialodês* não foi diferente. O texto teatral foi escrito

⁶ Sobre o programa de Extensão e a programação do Encontro com Dramaturgo é possível verificar aqui: https://www.udesc.br/ceart/noticia/udesc_realiza_encontro_com_dramaturga_dione_carlos_de_29_de_novembro_a_1_de_dezembro

para ser encenado pela Capulanas Cia de Arte Negra - grupo formado por mulheres negras em São Paulo. Formado pelas atrizes: Adriana Paixão, Carol Rocha Ewaci, Débora Marçal, Flávia Rosa, Priscila Preta Obaci.

FRAME 3 - Espetáculo *Ialodês* - As Capulanas Cia de Arte Negra



Fonte: Foto de Mariana Prudêncio

Compartilho um trecho de *Ialodês* que revela, para mim, a potência da construção poética de Dione Carlos:

Oni - Como isso aconteceu?
Bisi - Isso nunca deixou de acontecer
Femi - Talvez continue acontecendo para sempre Talvez exista uma razão para continuar acontecendo
Ayobami - Razão é algo que desconhecem, não há razão nenhuma que justifique as ações deles
Asali - Não conhecem o poder do mel, só do ferrão
Femi - Transformar veneno em antídoto exige vontade É preciso muito sangue para exercer a própria vontade
Bisi - Nem todo mundo suporta dormir e acordar com dúvida
Asali - A alegria é um ato político A alegria não é uma realidade A alegria é uma escolha, um posicionamento existencial [Carlos, 2018, p.67].

Saindo da dramaturgia de Dione Carlos com este saber conectado: “a alegria é uma escolha, um posicionamento existencial” [Carlos, 2018, p. 67]. Bora, para a nossa próxima dramaturga.

CRISTIANE SOBRAL

Cristiane Sobral teve seu primeiro contato com o teatro aos doze, treze anos, ainda muito cedo, através de peças cristãs quando frequentava com sua mãe a Igreja Adventista do Sétimo Dia, ainda no Rio de Janeiro, onde nasceu. Nasceu no Rio de Janeiro em 1974, mas nos anos 90 se mudou para Brasília. Em 1998 concluiu sua graduação em Interpretação Teatral (bacharelado), logo depois a licenciatura em Artes Cênicas.

FRAME 4 - Cristiane Sobral



Fonte: foto de Thaís Mallon - publicado no site EU Estudante em 23 de fevereiro de 2021 - disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/cultura/2021/02/4908290-escritora-cristiane-sobral-ministra-curso-de-escrita--26.html>

Atriz, escritora, diretora, dramaturga e professora, mestre em Teatro pela Universidade de Brasília (UNB), com a dissertação intitulada “Teatros Negros e suas estéticas na cena teatral brasileira” – defendida em 2016.

Fundou o grupo Cia Cabeça Feita em 1998, tendo estreado com o espetáculo “Uma boneca no lixo”, escrito e encenado por ela. Foi a primeira atriz negra formada pelo Departamento de Artes Cênicas da UNB. Autora dos livros: Não vou mais lavar os pratos (2010), Espelhos (2011), Tapete Voador (2016), Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz (2014).

QUARTO DESLOCAMENTO

CURIOSIDADE:

É muito interessante quando a dramaturga também é atriz, ou quando esses lugares se encontram entre atuação e escrita de um texto para ser encenado, porque com a experiência de quem atua, ela traz para o seu texto uma relação viva, corpórea, com a palavra.

Em *Esperando Zumbi*, ela constrói uma força narrativa onde a personagem fica à espera de Zumbi dos Palmares. Esperax. Esse é o nome da personagem. Peça inspirada no texto teatral de Samuel Beckett: *Esperando Godot*. Mas, diferente de Samuel Beckett, a dramaturga constrói uma personagem que sabe por quem espera. Ela sabe quem é Zumbi dos Palmares. Na expectativa do encontro, questiona várias vezes: cadê Zumbi? A pergunta que é emblemática e simbólica ao mesmo tempo, pode ser lida como uma referência histórica e ancestral ao ícone de luta e resistência.

Durante a peça, Esperax percebe que Zumbi não chegará, pois mataram Zumbi. Então, a personagem confronta o público e questiona: quem irá me ajudar a carregar o corpo de Zumbi dos Palmares? A ação de carregar o corpo de Zumbi é encenada com pessoas voluntárias da plateia e traz a potência de questionar a branquitude sobre qual é o seu lugar nesta violência histórica e colonial.

GRACE PASSÔ

Atriz, diretora e dramaturga, nasceu em 1980, Minas Gerais, Belo Horizonte. Escreveu peças como: *Vaga Carne* (2018), *Mata teu pai* (2017), *Amores Surdos* (2012), *Por Elise* (2012), *Congresso Internacional do Medo* (2012), *Marcha para Zenturo* (2012). Em 2004, juntamente com outros artistas de Belo Horizonte, funda o grupo de teatro Espanca! Que tem como primeiro trabalho encenado a peça *Por Elise*, na qual Grace Passô atua, dirige e assina a dramaturgia. Dez anos depois, em 2014, Grace Passô deixa o grupo Espanca!

Já atuou em diversos filmes brasileiros, como: a personagem Gloria do filme Praça Paris (2017) de Lucia Murat e a Juliana personagem do filme Temporada (2018) de André Novais Oliveira – por sua atuação neste filme recebeu o prêmio de melhor atriz no Festival de Brasília e no Festival de Turim, na Itália.

Foi premiada pela Crítica Brasileira diversas vezes como Melhor Atriz e já recebeu diversos prêmios como melhor dramaturgia e melhor atriz. Destaca-se: Grande Prêmio do Cinema Brasileiro / Prêmio Shell / Prêmio Questão de Crítica, Prêmio Leda Maria Martins e Prêmio Bravo!

FRAME 5 - Grace Passô



Fonte: foto de Léo Lara publicada em 29 janeiro de 2019 no Jornal El País, matéria escrita por Joana Oliveira - disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/22/cultura/1548161339_343642.html

Para mim, vaga carne é um dos espetáculos onde é possível trabalhar o campo da identidade da representatividade de modo que o discurso seja metafórico. Explico: Imagina uma voz que ocupa coisas objetos e decide ocupar o corpo de uma mulher.

*Mas que corpo é esse? Que mulher é essa?
Antes desta voz invadir o seu corpo, ela falava? Ou não?
Ela era silenciada? Ou tinha sido invadida por outra voz?*

A voz não conhece a corpA desta mulher, mas ao invadir acaba entrando em contato também com a própria história desta corpA ao ponto de se confundir também na sua própria identidade-voz.

A voz se perde! Já não sabe mais o que fala e por qual motivo está ocupando esta corpA-Mulher. Descubra sensações. Descubra sentimentos. Descubra o silêncio. Descubra o esquecimento.

Mas, afinal: essa mulher antes de ter seu corpo invadido por uma voz, não falava ou ela era silenciada? E se ela fosse falar agora, o que ela diria? Ao fim da peça descobrimos que essa corpA é de uma mulher negra e que ela está ali naquele momento para falar que...

*Vou deixar em aberto
Como quem convida você
A invadir o texto e ocupar sua
Imaginação com Vaga Carne!*

QUANDO SEGUIMOS JUNTAS, VAMOS MAIS LONGE

POR UM FEMINISMO NEGRO NO CAMPO TEATRAL

Agora irei apresentar, brevemente, outras mulheres negras dramaturgas para despertar em que está acompanhando esta leitura a curiosidade para mergulhar numa poética transgressora.

LEDA MARIA MARTINS

Poeta, ensaísta, acadêmica, dramaturga, professora doutora, aposentada, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Leda Maria Martins é, sem dúvidas, uma intelectual que contribui para a reflexão sobre performance, teatro e literatura, sendo uma das referências para os estudos conceituais sobre arte e cultura negra.

FRAME 6 - Leda Maria Martins



Fonte: foto publicada no Portal Melanina Digital, sem data e autoria, disponível em <https://melaninadigital.com/leda-maria-martins/>

Foi professora convidada da New York University. E também possui pós-doutorado em estudos de performance pela mesma universidade. Nasceu em 1955 no Rio de Janeiro, mas mora em Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 2018, se aposentou na UFMG, onde lecionava nos cursos de Artes Cênicas e Literatura desde 1993. Seus livros: *A Cena em Sombras* (1995) e *Afrografias da Memória* (1997) tratam sobre desde a importância do Teatro Experimental do Negro (TEN) até as manifestações e performances como os Congados.

QUINTO DESLOCAMENTO

CURIOSIDADE:

Em Belo Horizonte existe o “Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras” que além de homenageá-la, destaca montagens de teatro, dança, e performances da capital (BH – MG). O primeiro prêmio teve edição em 2017.

LUH MAZA

Roteirista, Dramaturga, Crítica, Atriz e Diretora – Luh Maza, foi a primeira diretora trans a ser convidada pelo Theatro Municipal de São Paulo a criar um espetáculo, o “Transtopia” em 2019. E também se tornou a primeira mulher trans a roteirizar série no Brasil. Nascida no Rio de Janeiro, mas mora em São Paulo desde 2007. Têm mais de dez peças encenadas, para além do Brasil, chegando a outros países, como Portugal.

Como roteirista, destaca-se seu trabalho no “Sessão de Terapia” (2019), série da Globoplay, dirigida por Selton Mello. Segundo a biografia retirada do livro *Dramaturgia Negra* (LIMA, 2018, p. 476):

Cinco de seus textos foram publicados na coleção Primeiras obras, indicada ao prêmio Jabuti de Literatura [...]. Nos últimos anos tem dedicado sua pesquisa a temas ligados a gênero e raça e contribuído na dramaturgia de espetáculos como *Cabaret TransPeripatético*, da companhia Os Stayros, e *F.A.L.A.*, do Coletivo Negro.

FRAME 7 - Luh Maza



Fonte: foto de Cleber Correa, publicada em 5 de junho de 2021 na Revista Claudia, matéria de Ana Carolina Pinheiro - Disponível em <https://claudia.abril.com.br/cultura/luh-maza-roteirista-diretora/>

SEXTO DESLOCAMENTO
CURIOSIDADE

Luh Maza, em entrevista ao Como eu escrevo, diz que gosta de mostrar seus trabalhos, ainda em processo, para amigas escritoras e pessoas que tenham alguma ligação com o tema que ela escreve, ela diz que esses feedbacks são importantes.

MARIA SHU

Nasceu na Bahia, mas ainda recém-nascida foi morar em São Paulo. Dramaturga e roteirista, Maria Shu é formada em Letras, tem pós-graduação em língua portuguesa e formou-se em dramaturgia pela SP Escola de Teatro. Suas peças já foram encenadas em Cabo Verde, Portugal, França e Suécia. Foi aos 30 anos, que Maria Shu decidiu deixar a sala de aula, como professora de português, e se dedicar às artes cênicas. Mas, seu contato com a literatura começou cedo, ela conta que por volta dos oito anos de idade gostava de ir à biblioteca e de brincar com as palavras.

FRAME 8 - Maria Shu



Fonte: foto de Bob Sousa - publicada 18 de julho de 2017 em matéria escrita por Jéssica Moreira - Disponível em <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/noticias/maria-shu-a-dramaturga-negra-que-esta-levando-a-periferia-para-outros-continentes/>

Maria Shu ao “Nós mulheres da periferia” diz que vê na arte uma preposição de novos mundos. E relata que muitas vezes percebe o racismo quando as pessoas duvidam que ela é autora de seus próprios textos.

A questão racial tem sido um tema para a dramaturga. E ao falar de seu processo de criação, cita Bell Hooks:

“Eu não vou só olhar. Quero que o meu olhar mude a realidade”⁷.

SOL MIRANDA

Atriz, dramaturga, pesquisadora, produtora e curadora do projeto Segunda Black e Diretora geral do Fórum de Performance Negra Rio de Janeiro. É do Rio de Janeiro. Dançarina afro há dez anos, participou de festivais na Holanda em um projeto de intercâmbio entre artistas do Brasil, Quênia, Gana e Índia. Graduada em Letras e Literatura pela Universidade Veiga de Almeida.

FRAME 9 - Sol Miranda



Fonte: foto divulgada pela FLUP RJ em 26 de agosto de 2019 - Disponível no Facebook da FLUP - <https://www.facebook.com/FlupRJ/posts/2477194245701711/>

⁷ Entrevista disponível em <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/noticias/maria-shu-a-dramaturga-negra-que-esta-levando-a-periferia-para-outros-continentes/>

Co-idealizadora da Cia EMÚ, “grupo formado para a investigação de linguagem teatral através de um diálogo da questão racial com a contemporaneidade”⁸. O projeto Segunda Black se destaca por sua importância em protagonizar espaços de performances negras, espetáculos, pesquisas que destaquem o trabalho artístico negro na cena contemporânea. O projeto acontece no Rio de Janeiro e se inspira em outros trabalhos como o Segunda Preta de Belo Horizonte, A cena tá preta em Salvador, Segundas Crespas em São Paulo.

Em Mercedes, assina a dramaturgia junto a Cássio Duque e supervisão de Fabiano de Freitas, junto a Cia Emú. O texto teatral foi construído a partir de jogos de improvisação durante o processo de criação do espetáculo. Mercedes narra a história de Mercedes Baptista (1921-2014), a primeira bailarina negra a fazer parte do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

VIVIANE JUGUERO

Dramaturga, pesquisadora, atriz e professora. Sua carreira teve início em 1994. Nasceu em 1976 no Rio Grande do Sul, estado que também reside. Bacharel em Interpretação Teatral (1995) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Doutora em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. É coordenadora geral, artista e produtora do Bando Brincantes.

Em 2011, com o grupo Brincantes, ganhou o Prêmio Açorianos de Música na categoria Melhor Disco Infantil. O livro e CD Jogos de inventar, cantar e dançar, também recebeu o Troféu Especial no Prêmio Tibicuera (2012) – destaques da cidade de Porto Alegre. Foi professora no curso de Pós-Graduação em Pedagogia da Arte da Facos, sendo também idealizadora. Já publicou diversos artigos no Brasil e em outros países. Faz parte do Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude, Associação Internacional de Pesquisadores para Jovens Audiências, As DramaturgA, Grupo de Animação das Mulheres e do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação no Teatro para Infância e Juventude do CNPq.

⁸ Informações disponíveis na Página do Facebook do Grupo Emú - <https://www.facebook.com/grupoemu/about/> / @grupoemu



FRAME 10 - Viviane Juguero



Fonte: foto de Eder Rosa publicada no site do Centro Brasileiro de Teatro Para a Infância e Juventude, sem data - Disponível em <https://cibtij.org.br/viviane-juguero/>

Na dramaturgia para crianças, é autora das seguintes peças teatrais:

- “Canto de Cravo e Rosa” (Bando de Brincantes, 2007; Libretos, em 2009);
- “Jogos de Inventar, Cantar e Dançar” (Bando de Brincantes; Libretos, 2010),
- “Quaquarela” (Bando de Brincantes, 2012); “Peteca, Pião e Pique-Pessoa”, em co-autoria com Jorge Rein (Bando de Brincantes, 2018),
- “Lacatumba” (EDIPUCRS, 2018);
- “Ecos de Cor e Cór” (FORPROF/UFRGS, 2015).

NA GIRA

A PALAVRA TEM AXÉ

Para você que chegou até aqui, desejo que a transmissão e partilha de saberes, experiências através desta escrita poética, decolonial, possa ter sido inspiradora e, assim, ter aguçado a sua curiosidade para seguir na busca por uma dramaturgia de autoria negra.

Desejo doçura em sua escrita poética e científica.

*Experimente-se. Permita-se.
Enegreça o seu olhar.
Axé.*

REFERÊNCIAS

CARLOS, Dione. **Ialodês**. In: LIMA, Eugenio; LUDEMIR, Julio [orgs]. *Dramaturgia Negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

LIMA, Eugenio; LUDEMIR, Julio [orgs]. **Dramaturgia Negra**. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

LEKE, Iyá. **Conversas e transmissões de saberes**, 2021. [Oralidade e Experiências do meu próprio corpo dentro do terreiro em conversas com a Iyá].

JUGUERO, Viviane. **Cavalo de Santo**. In: LIMA, Eugenio; LUDEMIR, Julio [orgs]. *Dramaturgia Negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

MARTINS, Leda Maria. **Récita nº 3 – Figurações**. In: LIMA, Eugenio; LUDEMIR, Julio [orgs]. *Dramaturgia Negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

MAZA, Luh. **Carne Viva**. In: LIMA, Eugenio; LUDEMIR, Julio [orgs]. *Dramaturgia Negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

MIRANDA, Sol. **Mercedes**. In: LIMA, Eugenio; LUDEMIR, Julio [orgs]. *Dramaturgia Negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

PASSÔ, Grace. **Vaga Carne**. In: LIMA, Eugenio; LUDEMIR, Julio [orgs]. *Dramaturgia Negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

SHU, Maria. **Quando eu morrer, vou contar tudo a Deus**. In: LIMA, Eugenio; LUDEMIR, Julio [orgs]. *Dramaturgia Negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

SOBRAL, Cristiane. **Esperando Zumbi**. In: LIMA, Eugenio; LUDEMIR, Julio [orgs]. *Dramaturgia Negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018.

SOUZA, Julianna Rosa de. Personagem negra: uma reflexão crítica sobre os padrões raciais na produção dramática brasileira. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 274-295, mai./ago. 2017.

SOUZA, J. R. de. As estruturas do racismo no campo teatral: contribuições para pensar a branquitude e a naturalização do perfil branco na construção de personagens. **Pitágoras 500**, Campinas, SP, v. 10, n. 1, p. 67–80, 2020. DOI: 10.20396/pita.v10i1.8658730. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8658730>. Acesso em: 20 jul. 2021.

Recebido em: 20/08/2021

Aceito em: 06/09/2021